

Sob o olhar de uma nova ciência. A revolução pasteuriana: uma nova saúde pública entra em campo. Mudanças na capital da República. A Revolta da Vacina.

Sob o olhar de uma nova ciência. A revolução pasteuriana: uma nova saúde pública entra em campo. Mudanças na capital da República. A Revolta da Vacina.

Sob o olhar de uma nova ciência. A revolução pasteuriana: uma nova saúde pública entra em campo. Mudanças na capital da República. A Revolta da Vacina.

O Brasil no microscópio

Sob o olhar de uma nova ciência. A revolução pasteuriana: uma nova saúde pública entra em campo. Mudanças na capital da República. A Revolta da Vacina.

Sob o olhar de uma nova ciência. A revolução pasteuriana: uma nova saúde pública entra em campo. Mudanças na capital da República. A Revolta da Vacina.

Sob o olhar de uma nova ciência. A revolução pasteuriana: uma nova saúde pública entra em campo. Mudanças na capital da República. A Revolta da Vacina.

Sob o olhar de uma nova ciência. A revolução pasteuriana: uma nova saúde pública entra em campo. Mudanças na capital da República. A Revolta da Vacina.

Para saber mais

LEITURAS

AZEVEDO, André Nunes: “A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana”. Revista Rio de Janeiro, nº 10, maio/ago. 2003. <http://www.ramaldesantacruz.com/reforma2.pdf>

BENCHIMOL, Jaime. Pereira Passos, um Haussmann tropical. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992.

CARRETA, José Augusto. “Médicos e a Revolta da Vacina”, Teoria e Pesquisa. Revista de Ciências Sociais, vol 18, nº 1, 2009. <http://www.teoriae pesquisa.ufscar.br/index.php/tp/issue/view/65/showToc>

CARVALHO, José Murilo de. Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FERNANDES, Tânia Maria. Vacina antivariólica: ciência, técnica e o poder dos homens (1808-1920). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

PEREIRA, Leonardo Miranda. Barricadas da Saúde. Vacina e protesto popular no Rio de Janeiro na Primeira República. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FILMES

Sonhos tropicais. Direção André Stum. Brasil, 2002, 120 min. Trata do período da vida de Oswaldo Cruz e os eventos relacionados a essa época de intensas mudanças no Brasil do início do século XX. O filme parte da adaptação livre do livro homônimo de Moacyr Scliar. Mostra as transformações ocorridas no Rio de Janeiro após a posse de Rodrigues Alves na Presidência da República. O Rio, então capital do país, era um caos urbano, uma cidade devastada por epidemias como febre amarela, varíola, peste bubônica. As tentativas de alterar esse quadro levarão à insurreição civil e militar em 1904, conhecida como a “Revolta da Vacina”.

Guerra de Canudos. Direção Sérgio Rezende. Brasil, 1997, 169 min. No último quarto do século XIX, o beato Antônio Conselheiro atravessa o sertão do Nordeste arregimentando fiéis para uma caravana que tem fim no recôncavo baiano, onde funda o Arraial de Canudos. É o início de uma longa briga entre os fiéis e as tropas da recém-criada República, com várias campanhas e mortes de ambos os lados. Esse épico espetacular recria a fundação e destruição do Arraial de Canudos, no sertão da Bahia. Os acontecimentos são narrados através do drama de uma família sertaneja.

O Rio dos Trabalhadores. Direção Paulo Castiglioni e Maria Ciavatta Franco. UFF / CNPQ / FAPERJ. Brasil, 2002, 20 min. Através de imagens de Augusto Malta, Marc Ferrez e outros, o documento narra a história do Rio de

Janeiro nos primeiros anos do século XX, marcada pelo processo de modernização por intermédio das ações do prefeito Pereira Passos. Trata também das formas de organização dos trabalhadores industriais nos seus primórdios e os meios de controle e sujeição utilizados pelo patronato.

Policarpo Quaresma. Herói do Brasil. Direção Paulo Thiago, Brasil, 1998, 120 min. Baseado no romance “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, do escritor Lima Barreto, o filme conta a história do personagem Policarpo Quaresma, visionário e sonhador que aguarda dias grandiosos para o Brasil no período da chamada República Velha.

Cinematógrapho. A Reforma de Pereira Passos. **Ministério da Saúde. Centro Cultural da Saúde.** <http://www.ccs.saude.gov.br/revolta/cinema.html>

Cinematógrapho. A Revolta da Vacina. **Ministério da Saúde. Centro Cultural da Saúde.** <http://www.ccs.saude.gov.br/revolta/cinema2.html>

Os filmes abaixo relacionados podem ser encontrados no **VídeoSaúde Distribuidora** da Fiocruz – ICICT/ FIOCRUZ (<http://www.fiocruz.br/icict/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=47>):

Revolta da Vacina. Direção Eduardo Thielen, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Brasil, 1994, 20 min. As questões sociopolíticas e culturais que envolveram a campanha de vacinação no governo de Rodrigues Alves, na República Velha. Análise dessas questões por médicos sanitaristas e historiadores. Dramatização reconstituindo a Revolta da Vacina.

A Revolta que parou o Rio. Direção, TV PUC RIO, Brasil, 2005, 21 min. Documentário sobre a Revolta da Vacina ocorrida no Rio de Janeiro em 1904.

O Brasil no microscópio. Direção Eduardo Thielen e Luiz Octavio Ferreira, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Brasil 1989, 21 min. A criação, em 1900, do Instituto Soroterápico Federal, hoje Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), é revista com base em uma análise da conjuntura da saúde no Brasil do início do século.

Chagas no Acre e no Purus. Direção Eduardo Thielen e Fernando Dumas, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Brasil, 1998, 46 min. Produzido a partir de uma expedição em 1913, na Amazônia, procura fazer uma comparação histórica das condições de vida e de saúde da população dos Rios Acre e Purus nestes 80 anos, buscando ainda apontar soluções para as mazelas que assolam a região.

Chagas no Rio Negro e Branco. Direção Eduardo Thielen e Fernando Dumas, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Brasil, 1996, 55 min. Apresenta os passos percorridos pelo médico e pesquisador da Fiocruz, Carlos Chagas, em 1913, investigando as condições médico-sanitárias do Vale do Amazonas, nos Rios Negro e Branco.

Oswaldo Cruz na Amazônia. Direção Eduardo Thielen e Stella Oswaldo Cruz Penido, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Brasil, 2002, 55 min. Documentário histórico que resgata as viagens de Oswaldo Cruz à Amazônia. Em 1905, Oswaldo Cruz realizou viagem de inspeção sanitária aos portos do norte, entrando no Amazonas até Manaus.

Em 1910, realizou uma campanha contra a febre amarela em Belém e estabeleceu um plano de combate à malária nas obras de construção da ferrovia Madeira-Mamoré.

MÚSICA, POESIA E LITERATURA

A Vacina obrigatória. Autor desconhecido, 1904. In Memória da Pharmacia, disco Emi Odeon, Roche.

*Anda o povo acelerado
Com horror à palmatória
Por causa dessa lambança
Da vacina obrigatória
Os panatas da sabença
Estão teimando dessa vez
Querem meter o ferro a pulso
Bem no braço do freguês*

*E os doutores da higiene
Vão deitando logo a mão
Sem saberem se o sujeito
Quer levar o ferro ou não
Seja moço ou seja velho
Ou mulatinha que tem visgo
Homem sério, tudo, tudo,
Leva ferro que é servido*

*Bem no braço do Zé Povo
Chega o tipo e logo vai
Enfiando aquele troço
A lanceta e tudo mais
Mas a lei manda que o povo
E o coitado do freguês
Vá gemendo na vacina
Ou então vá pro xadrez*

*Eu não vou nesse arrastão
Sem fazer o meu barulho
Os doutores da ciência
Terão mesmo que ir no embrulho*

*Não embarco na canoa
Vão meter ferro no boi
Ou nos diabos que o carregue*

O Cortiço. Aluísio de Azevedo, 1890.
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1723

Bons Dias. Machado de Assis. Publicado originariamente em 14 de julho de 1889. In GLEDSON, John. Machado de Assis, BONS DIAS! São Paulo, Campinas: Editora Hucitec/ Editora da Unicamp, 1990.

Bons Dias!

Ó doce, ó longa, ó inexprimível melancolia dos jornais velhos! Conhece-se um homem diante de um deles. Pessoa que não sentir alguma coisa ao ler folhas do meio século, bem pode crer que não terá nunca uma das vidas mais profundas sensações da vida, igual ou quase igual à que dá vista das ruínas de uma civilização. Não é a saudade piegas, mas a recomposição do extinto, a revivescência do passado, a maneira de Ebers, a alucinação erudita da vida e do movimento que parou.

Jornal antigo é melhor que cemitério, por esta razão que no cemitério tudo está morto, enquanto que no jornal está vivo tudo Os letreiros sepulcrais, sobre monótonos, são definitivos: aqui jaz, aqui descansam, orai por ele! As letras impressas a gazeta antiga são variadas, as notícias parecem recentes; é a galera que sai, a peça que se esta representando, o baile de ontem, a romaria de amanhã, uma explicação, um discurso, dois agradecimentos, muitos elogios; é a própria vida em ação.

Curandeiros, por exemplo. Há agora uma verdadeira perseguição deles. Imprensa, política, particulares, todos parece, haver jurado a exterminação dessa classe interessante. O que lhes vale ainda um pouco é não terem perdido o governo

da multidão. Escondem-se; vão por noite negra e vias escuras levar a droga ao enfermo, e, com ela, a consolação. São pegados, é certo; mas por um curandeiro aniquilado, escapam quatro e cinco.

Vinde agora comigo.

Temos aqui o Jornal do Commercio de 10 de setembro de 1841. Olhai bem: 1841; lá vão quarenta e oito anos, perto de meio século. Lede com pausa este anúncio de um remédio para os olhos “... eficaz remédio, que já restituiu a vista a muitas pessoas que a tinham perdido, acha-se em casa de seu autor, o Sr. Antônio Gomes, Rua dos Barbonos n° 76”. Era assim, os curandeiros anunciavam livremente, não se iam esconder em Niterói, como o célebre caboclo, ninguém os ia buscar nem prender; punham na imprensa o nome da pessoa, o número da casa, o remédio e a aplicação.

Às vezes, o curandeiro, em vez de chamar, era chamado, como se vê nestas linhas da mesma data: “Roga-se ao senhor que cura erisipelas, feridas, etc., de aparecer na Rua do Valongo n° 147”.

Era outro senhor que esquecera anunciar o número da casa e a rua, como o Antônio Gomes. Este Gomes fazia prodígios. Uma senhora conta ao público a cura extraordinária realizada por ele em uma escrava, que padecia de ferida incurável, ao menos para médicos do tempo. Chamado Antônio Gomes, a escrava sarou. A senhora tinha por nome D. Luísa Teresa Velasco. Também acho uma descoberta daquele benemérito para impigens, coisa admirável.

Além desses, havia outros autores não menos diplomados, nem menos anunciado. Uma loja de papel, situada na Rua do Ouvidor, esquina do Largo de São Francisco de Paulo, vendia um licor antifebril, que não só curava a febre intermitente e a enxaqueca, como era famoso contra cólicas, reumatismo e indigestões.

De envolta com os curandeiros e suas drogas, tínhamos uma infinidade de remédios estrangeiros, sem contar as famosas pílulas vegetais americanas. Que direi de um óleo Jacoris Asseli, eficaz para reumatismo, não menos que o bálsamo homogêneo simpático, sem nome de autor nem indicações de moléstias, mas não menos poderoso e buscado?

Todas essas drogas curavam, assim as legítimas como as espúrias. Se já não curam, é porque todas as coisas deste mundo têm princípio, meio e fim. Outras cessaram com os inventores. Tempo virá em que o quinino, tão valente agora, envelheça e expire. Neste sentido é que se pode comparar um jornal antigo ao cemitério, mas ao cemitério de Constantinopla, onde a gente passeia, conversa e ri.

Plínio, falando da medicina em Roma, afirma que bastava alguém dizer-se médico para ser imediatamente crido e aceito; e suas drogas eram logo bebidas “tão doce é a esperança!” conclui ele. O defunto Antônio Gomes e os seus atuais colegas bem podiam ter vivido em Roma; seriam lá como aqui (em 1841) verdadeiramente adorados. Bons curandeiros! Tudo passa com os anos, tudo, a proteção romana e a tolerância carioca; tudo passa com os anos... ó doce, ó longa, ó inexprimível melancolia dos jornais velhos!

Boas noites.

Bons Dias. Machado de Assis. Publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* em 29/08/1889. In *Obra Completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, Vol. III, 1994. <http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/cronica/mac11.pdf>

Bons dias!

Hão de fazer-me esta justiça, ainda os meus mais ferrenhos inimigos: é que não sou curandeiro, eu não

tenho parente curandeiro, não conheço curandeiro, e nunca vi cara, fotografia ou relíquia, sequer, de curandeiro. Quando adoço não é de espinhela caída, — coisa que podia aconselhar-me a curandeira; é sempre de moléstias latinas ou gregas. Estou na regra; pago impostos, sou jurado, não me podem argüir a menor quebra de dever público.

Sou obrigado a dizer tudo isso, como uma profissão de fé, porque acabo de ler o relatório médico acerca das drogas achadas em casa do curandeiro Tobias. Saiu hoje; é um bom documento. Falo também porque outras muitas coisas me estimulam a falar, como dizia o curandeiro-mor, Mal das Vinhas, chamado, que já lá está no outro mundo. Falo ainda, porque nunca vi tanto curandeiro apanhado, — o que prova que a indústria é lucrativa.

Pelo relatório se vê que Tobias é um tanto Monsieur Jourdain, que falava em prosa sem o saber; Tobias curava em línguas clássicas. Aplicava, por exemplo, solanum argentum, certa erva, que não vem com outro nome; possuía umas cinqüenta gramas de aristolochia appendiculata, que dava aos clientes; é a raiz de mil-homens. Tinha, porém, umas bugigangas curiosas, esporões de galo, pés de galinha secos, medalhas, pólvora e até um chicote feito de rabo de raia, que eu li rabo de saia, coisa que me espantou, porque estava, estou e morrerei na crença de que rabo de saia é simples metáfora. Vi depois o que era rabo de raia. Chicote para quê?

Tudo isto, e ainda mais, foi apanhado ao Tobias, no que fizeram muito bem, e oxalá se apanhem as bugigangas e drogas aos demais curandeiros, e se punam estes, como manda a lei.

A minha questão é outra, e tem duas faces.

A primeira face é toda de veneração; punamos o curandeiro, mas não esqueçamos que a curandeira foi a célula da medicina. Os primeiros doentes que

houve no mundo, ou morreram ou ficaram bons. Interveio depois o curandeiro, com algumas observações rudimentárias, aplicou ervas, que é o que havia à mão, e ajudou a sarar ou a morrer o doente. Daí vieram andando, até que apareceu o médico. Darwin explica por modo análogo a presença do homem na terra. Eu tenho um sobrinho, estudante de medicina, a quem digo sempre que o curandeiro é pai de Hipócrates, e, sendo o meu sobrinho filho de Hipócrates, o curandeiro é avô do meu sobrinho; e descubro agora que vem a ser meu tio, — fato que eu neguei a princípio. Também não borro o que lá está. Vamos à segunda face.

A segunda é que o espiritismo não é menos curandaria que a outra, e é mais grave, porque se o curandeiro deixa os seus clientes estropiados e dispépticos, o espírita deixa-os simplesmente doidos. O espiritismo é uma fábrica de idiotas e alienados, que não pode subsistir. Não há muitos dias deram notícia as nossas folhas de um brasileiro que, fora daqui, em Lisboa, foi recolhido em Rilhafoles, levado pela mão do espiritismo.

Mas não é preciso que dêem entrada solene nos hospícios. O simples fato de engolir aqueles rabos de raia, pés de galinha, raiz de mil-homens e outras drogas vira o juízo, embora a pessoa continue a andar na rua, a cumprimentar os conhecidos, a pagar as contas, e até a não pagá-las, que é meio de parecer ajuizado. Substancialmente é homem perdido. Quando eles me vêm contar uns ditos de Samuel e de Jesus Cristo, sublinhados de filosofia de armarinho, para dar na perfeição sucessiva das almas, segundo estas mesmas relatam a quem as quer ouvir, palavra que me dá vontade de chamar a polícia e um carro.

Os espíritas que me lerem hão de rir-se de mim, porque é balda certa de todo maníaco lastimar a ignorância dos outros. Eu, legislador, mandava

fechar todas as igrejas dessa religião, pegava dos religionários e fazia-os purgar espiritualmente de todas as suas doutrinas; depois, dava-lhes uma aposentadoria razoável.

Boas noites.

Francisco Pereira Passos. Boletim da Intendência. Rio de Janeiro, jul./set. 1903.

“(…) Comecei por impedir a venda pelas ruas de vísceras de reses, expostas em tabuleiros, cercados pelo vôo contínuo de insetos, o que constituía espetáculo repugnante. Aboli, igualmente, a prática rústica de ordenharem vacas leiteiras na via pública, que iam cobrindo com seus dejetos, cenas estas que, ninguém, certamente, achará dignas de uma cidade civilizada. [...] Mandei, também, desde logo, proceder à apanha e extinção de milhares de cães que vagavam pela cidade, dando-lhe o aspecto repugnante de certas cidades do Oriente, e isso com grave prejuízo da segurança e da moral públicas. Tenho procurado pôr termo à praga dos vendedores ambulantes de bilhetes de loteria, que, por toda a parte, perseguiram a população, incomodando-a com infernal grita e dando à cidade o aspecto de uma tavolagem. Muito me preocupei com a extinção da mendicância pública, o que mais ou menos tenho conseguido, de modo humano e equitativo, punindo os falsos mendigos e eximindo os verdadeiros à contingência de exporem pelas ruas sua infelicidade (...)”

Olavo Bilac. Crônica. Revista Kosmos, Rio de Janeiro, mar. 1904.

“Há poucos dias, as picaretas, entoando um hino jubiloso, iniciaram os trabalhos da Avenida Central, pondo abaixo as primeiras casas condenadas. No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atraso, do

Opróbrio. A cidade colonial, imunda, retrógrada, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiais que desabavam. Mas o hino claro das picaretas abafava esse protesto importante. Com que alegria cantavam elas – as picaretas regeneradoras! E como as almas dos que ali estavam compreendiam bem o que elas diziam, no seu clamor incessante e rítmico, celebrando a vitória da higiene, do bom gosto e da arte!”

Olavo Bilac. Crônica. Revista Kosmos, Rio de Janeiro, nov. 1904.

“As arruaças deste mês, – nascidas de uma tolice e prolongadas por várias causas – vieram mostrar que nós ainda não somos um povo. Amanhã, um especulador político irá, pelos becos e travessas, murmurar que o governo tenciona degolar todos os católicos, ou fuzilar todos os protestantes, ou desterrar todos os homens altos, ou encarcerar todos os homens baixos. E a gente humilde aceitará, como verdade, essa invenção imbecil, como aceitou a invenção da vacina com sangue de rato pestiferado...”

Lima Barreto. Diário Íntimo. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000066.pdf>

“Durante as mazorcas de novembro de 1904, eu vi a seguinte e curiosa coisa: um grupo de agentes fazia parar os cidadãos e os revistava. O governo diz que os oposicionistas à vacina, com armas na mão, são vagabundos, gatunos, assassinos, entretanto ele se esquece que o fundo dos seus batalhões, dos seus secretas e inspetores, que mantêm a opinião dele, é da mesma gente. Essa mazorca teve grandes vantagens:

1) demonstrar que o Rio de Janeiro pode ter opinião e defendê-la com armas na mão; 2) diminuir um pouco o fetichismo da farda; 3) desmoralizar a

Escola Militar. Pela vez primeira, eu vi entre nós não se ter medo de homem fardado. O povo, como os astecas ao tempo de Cortez, se convenceu de que eles também eram mortais.”

“É notório que aos governos da República do Brasil faltam duas qualidades essenciais a governos: majestade e dignidade. Vimos durante a mazorca um ministro, o da Guerra, e um general, o Piragibe, darem ordens de simples inspetores em altas vozes e das sacadas de duas Secretarias de Estado. Eis a narrativa do que se fez no sítio de 1904. A polícia arrebanhava a torto e a direito pessoas que encontrava na rua. Recolhia-as às delegacias, depois juntavam na Polícia Central. Aí, violentamente, humilhantemente, arrebatava-lhes os cós das calças e as empurrava num grande pátio. Juntadas que fossem algumas dezenas, remetia-as à ilha das Cobras, onde eram surradas desapiadadamente. Eis o que foi o terror do Alves; o do Floriano foi vermelho; o do Prudente, branco, e o Alves, incolor, ou antes, de tronco e bacalhau.”

Minha viola. Noel Rosa, 1929.

Minha viola

Ta chorando com razão

Por causa duma marvada

Que roubou meu coração

Eu não respeito cantadô que é respeitado

Que no samba improvisado me quisé desafiá

Inda outro dia fui cantá no galinheiro

O galo andou o mês inteiro sem vontade de cantá

Nesta cidade todo mundo se acautela

Com a tal de febre amarela que não cansa de matá

E a dona Chica que anda atrás de mal conselho

Pinta o corpo de vermelho

Pro amarelo não pegá

Eu já jurei não jogá com seu Saldanha

Que diz sempre que me ganha

No tal jogo do bilhar

Sapeca o taco nas bola de tal maneira

Que eu espero a noite inteira pras bola carambolá

Conheço um véio que tem a grande mania

De fazê economia pra modelo de seus filho

Não usa prato, nem moringa, nem caneca

E quando senta é de cueca

Prá não gastá os fundilho

Eu tenho um sogro cansado dos regabofe

Que procurou o Voronoff, doutô muito creditado

E andam dizendo que o enxerto foi de gato

Pois ele pula de quatro miando pelos telhado

Aonde eu moro tem o Bloco dos Filante

Que quase que a todo instante

Um cigarro vem filá

E os danado vem bancando inteligente

Diz que tão com dor de dente

Que o cigarro faz passá

Para ouvir: <http://www.webletras.com.br/musica/noel-rosa/minha-viola>

Vela no breu. Paulinho da Viola e Sergio Natureza, 1976.

Ama e lança chamas

Assovia quando bebe

Canta quando espanta

Mau-olhado, azar e febre

Sonha colorido

Adivinha em preto-e-branco

Anda bem vestido

De cartola e de tamanco

Dorme com um cachorro

Com um gato e um cavaquinho

Dizem lá no morro

Que fala com passarinho

Desde pequenino

Chora rindo, olha pra nada

Diz que o céu é lindo

Na boca da madrugada

Sabe medicina

Aprendeu com sua avó

Analfabetina

Que domina como só

Plantas e outros ramos

Da flora medicinal

Com cento e oito anos

Nunca entrou num hospital..

Joga capoeira

Nunca brigou com ninguém

Xepa lá na feira

Divide com quem não tem...

Faz tudo o que sente

Nada do que tem é seu

Vive do presente

Acende a vela no breu.

Para ouvir: <http://www.webletras.com.br/musica/paulinho-da-viola/vela-no-breu>

SITES

Catálogo da Exposição: Revolta da Vacina. Cidadania, Ciência e Saúde:

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/06_1092_FL.pdf

História da Vacina: uma técnica milenar:

<http://www.ccs.saude.gov.br/revolta/pdf/M7.pdf>

Biblioteca virtual Adolpho Lutz:

<http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/php/index.php>

Biblioteca virtual Carlos Chagas:

<http://www.bvschagas.coc.fiocruz.br/php/>

Museu da Vida- COC- Fiocruz:

<http://www.museudavida.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home&UserActiveTemplate=mvida>

DE OLHO NO CONTEÚDO:

1) De acordo com os ensinamentos do historiador inglês George Rudé, estudos a respeito do comportamento coletivo de multidões devem buscar prioritariamente identificar a *composição social* dos envolvidos, bem como os seus *objetivos e alvos* principais. Além disso, sugere que tais manifestações sejam compreendidas como portadoras de *propósitos sociais*, sendo parte integrante de um processo histórico em que se pode apreender suas *motivações*. Por isso, *não* devem ser vistas como resultados de comportamentos irracionais, cegos e até patológicos de multidões descontroladas. Assim, levando em conta tal perspectiva de investigação (que valoriza a composição social, os objetivos e alvos do movimento, além da existência de propósitos sociais ou motivos para a ação), faça um comentário sobre a revolta de 1904 discutida no capítulo que você acabou de ler.

2) *Nesta cidade todo mundo se acautela*

Com a tal de febre amarela que não cansa de matá

E a dona Chica que anda atrás de mal conselho

Pinta o corpo de vermelho

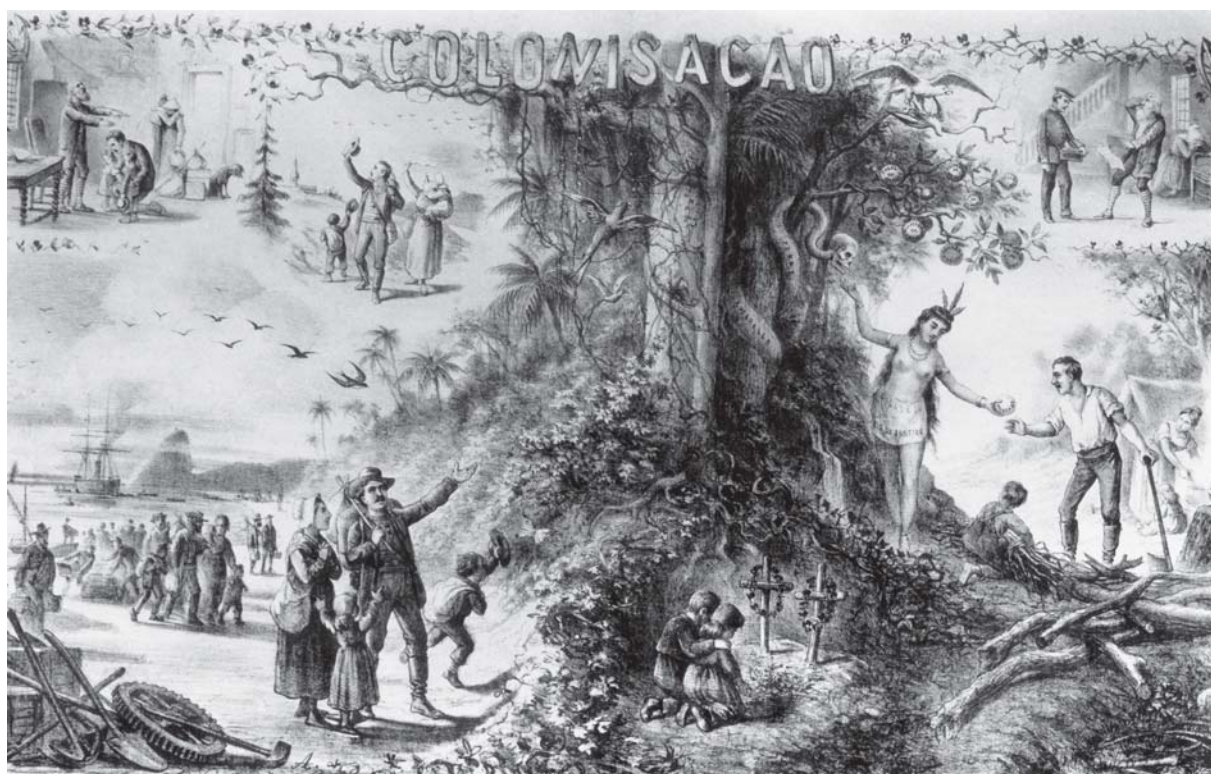
Pro amarelo não pegá

Essa estrofe da música *Minha viola*, de Noel Rosa, relata os receios da população diante do avanço de determinadas doenças (no caso a febre amarela), que não cansavam de “matá”. Expressa, pois, de modo irônico, as estratégias populares para enfrentá-las, sugerindo a pouca confiança da população na eficiência das medidas sanitárias definidas pelas autoridades. Ora, diante desse quadro, como indica a música, iam “atrás de mal conselho” buscando se proteger. Como você pôde ler no capítulo dois, havia, entre os médicos, grandes

divergências acerca das origens e formas de combate às doenças no período, o que talvez explique, em parte, a desconfiança da população. Com o objetivo de sistematizar sua leitura, procure caracterizar as diversas concepções médicas vigentes no período, procurando ressaltar como cada uma delas implicava num certo tipo de intervenção terapêutica na cidade.

DE OLHO NAS IMAGENS:

Observe com cuidado a imagem selecionada e procure anotar como sua riqueza de detalhes simboliza os diversos riscos sanitários presentes na cidade do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX.



2